

ATITUDES DO EDUCADOR: UMA REFLEXÃO TECIDA NO COTIDIANO

Dalva Guimarães dos Reis*

Resumo: Neste artigo são apresentadas algumas atitudes docentes, consideradas essenciais ao exercício do profissional do magistério, no ensino superior. A partir de uma reflexão feita pelo professor sobre sua própria prática – história de vida – analisa elementos relacionados ao processo educativo, à autoridade, à coerência e à busca permanente do educador.

Palavras-chave: prática pedagógica; atitude docente; reflexão.

Ela está no horizonte, diz Fernando Birri.
Aproximo-me dois passos. Caminho dez passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte fica dez passos mais longe. Por muito que eu caminhe, nunca a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isto: para caminhar.
(Eduardo Galeano)

Este artigo é resultado de nossas reflexões sobre a prática pedagógica que desenvolvemos ao longo desses trinta e poucos anos de magistério e, principalmente, sobre as atitudes docentes que consideramos essenciais ao exercício do magistério no ensino superior. As idéias que ora apresentamos à reflexão não se constituem uma prática cotidiana de nossa parte, ao contrário, representam o sonho de uma educadora, perseguido ao longo de nosso fazer educativo de tanto tempo, de tantas conquistas, de tantos afazeres e de tantos fazeres. Gostaríamos de sonhar junto com nossos pares, nossos educandos, nossos educadores e com eles partilhar nosso projeto educacional que é também nosso projeto de vida.

Nossa preocupação e objeto de trabalho principal neste artigo foi o de caracterizar as atitudes docentes a partir de uma reflexão sobre nossa própria prática como professora de ensino superior, ciente de que não abarcamos todos os aspectos essenciais ao exercício profissional do professor. Pensamos que as idéias aqui apresentadas são retalhos – novos e antigos – que foram sendo tecidos aos poucos, ora decididamente, ora de forma escorregadia, refazendo-se e

* Mestre em Educação, professora de Didática do Curso de Pedagogia, diretora da Faculdade de Ciências da Educação do UniCEUB, dalva.reis@uniceub.br.

reconstituindo-se continuamente. Alguns retalhos, selecionados de nossa história de vida, podem ser agrupados nos seguintes elementos: a educação, um sonho tomado visível; a autoridade do professor: um exercício de sabedoria; a coerência do educador; a prática concretizada; a esperança e a alegria – a busca permanente do educador.

A vida começa com um sonho descrito no Gênesis, no Poema da Criação; a educação, como nos diz Rubem Alves, também começa com um sonho: promover o crescimento e o amadurecimento da pessoa humana em todas suas dimensões. A Escola e mais particularmente a sala de aula devem ser para o educador comprometido com a formação do homem o sonho tornado visível. A partir dessa idéia, constituem elementos de nosso sonho de educador, de nosso projeto educativo:

- Fazer com que a sala de aula seja um momento problematizador, gerador de conhecimento.
- Transformar o conteúdo em um meio para o desenvolvimento da crítica e da compreensão das contradições sociais.
- Tornar o estudo uma “atitude crítica, a mesma que deve ser tomada diante do mundo”.
- Formar grupos de professores que sejam espaços para a discussão, o aprender e o pensar coletivos.
- Fazer da sala de aula um espaço propício ao prazer de pensar e à alegria de aprender.

A fim de que essas transformações se realizem, torna-se necessário que o professor, no exercício de seu papel de educador, estabeleça relações com os alunos pautadas no respeito mútuo, nas diferenças de papéis, no estabelecimento de limites, enfim, que faça uso da autoridade que lhe é própria. A relação entre professor e alunos é possível porque a sociedade, de um modo geral, aprova e aceita as relações de poder nela existentes, que, assim, se constituem autoridade. Dessa forma, a autoridade que tem o professor, como agente responsável pelo desempenho do grupo-classe, é a concretização de uma instituição formal, constituída pela própria sociedade. Entretanto, as relações de autoridade não se baseiam apenas no aspecto institucional – no caso específico, a escola. Essas relações de autoridade também se estabelecem em decorrência da competência do professor que compreende o domínio teórico e prático do conhecimento, bem como a organização das condições favoráveis à aprendizagem dos educandos. Assim, podemos falar em autoridade baseada na posição hierárquica do professor e em autoridade baseada na competência profissional que envolve o

exercício conjunto de poder por professor e alunos. Daí decorrem os modelos de relacionamento que podem ser autoritários ou democráticos, isto é, integradores. Os modelos autoritários são nossos velhos conhecidos: o professor meramente transmissor/informador, controlador e classificador do comportamento do aluno, que pauta sua autoridade pelo saber que possui e pela posição hierárquica que ocupa. Os modelos democráticos, ao contrário, são definidos quando o professor, ao transmitir o conhecimento, o faz, considerando-o um momento de descoberta – tanto do aluno quanto do próprio professor – criando situações para que o educando realize, execute de forma participante e criativa. Nos modelos autoritários há uma desigualdade no exercício do poder (entre professor e alunos) enquanto nos modelos integradores (democráticos) o exercício do poder (autoridade) é realizado de forma conjunta.

Ora, para atingir os objetivos de transmitir e construir o conhecimento, a escola e os alunos precisam de um profissional que organize e transmita o conteúdo, discipline e avalie a situação pedagógica. A construção do conhecimento exige que haja normas que garantam a liberdade de expressão de idéias e a participação responsável. Admite-se, dessa forma, que existe, no trabalho escolar, um grau de restrição a comportamentos julgados indesejáveis, pois não pode ser desenvolvido à revelia da observância de normas, de ordens, uma vez que a aprendizagem não é um processo espontâneo. Cabe, portanto, ao professor, escolher o tipo de organização disciplinar a ser construído em sua prática educativa, o repressivo ou o transformador-emancipatório. Se o professor optar por uma disciplina repressora, estará contribuindo para a formação de um aluno obediente, passivo, submisso. Se sua opção, entretanto, for pelo exercício de uma disciplina transformadora, estará concorrendo para a formação do cidadão e de sua consciência crítica. Nessa linha, o professor precisa:

- Ter clareza dos objetivos que pretende alcançar.
- Ter critérios que orientem a tomada de decisões.
- Definir normas, de forma coletiva.
- Adotar técnicas dinâmicas e participativas que conduzam o aluno à reflexão.
- Praticar o diálogo, sem ser populista.
- Ser enérgico, sem ser autoritário.
- Agir de acordo com a necessidade do momento.

O professor deve viver, portanto, a eterna tensão na sala de aula, entre a necessidade de dirigir, orientar, decidir, limitar e a necessidade de abrir, possibilitar, acatar, ouvir, participar, “fazer com”.

É nessa convivência com os opostos, é na convivência pacífico-conflitante, é nesse ir-e-vir interior e exterior, é nesse embate cotidiano em que o professor se faz e se refaz, que surge a coerência, a maior virtude do educador, segundo Freire (1996, p. 35). É a coerência que dá consistência ao olhar, ao falar, ao agir, que faz com que o desejo individual adquira tamanha força que seja capaz de contaminar e transformar em vontade coletiva um projeto inicial de trabalho. É coerência, por exemplo, agir de acordo com a opção feita, conforme valores e princípios adotados. Se eu proclamo que uma das finalidades da educação é o desenvolvimento da solidariedade e da participação comunitária, tenho em minha prática, no dia-a-dia – nos grupos, aulas e encontros dos quais participo – que valorizar o trabalho comum, ceder em minhas posições, relacionar-me com os outros respeitando seus pontos de vista... agir de tal forma que a minha fala corresponda a minha ação. Para se chegar à coerência é necessário que o professor se conheça – como pessoa e como profissional – que esteja aberto ao outro e à mudança, que seja humilde, isto é, que reconheça suas próprias limitações, atitudes estas necessárias ao estabelecimento de parcerias e projetos interdisciplinares. Nesse sentido, torna-se necessário que o educador viva plenamente sua opção, diminuindo a distância entre o que diz e o que faz. Quando as atitudes adotadas pelo professor não condizem com seu discurso, criam-se sérios conflitos entre o adulto e o jovem – entre o professor e o educando – distorcem-se os valores, criam-se situações didáticas profundamente deseducativas, como também ficam evidenciadas formas autoritárias de relacionamento entre o educador e o sujeito que está sendo educado. A coerência surge, então, como o fio condutor para o exercício interdisciplinar, visto que este é muito mais uma categoria de ação que de pensamento: para se fazer interdisciplinaridade, é necessário que o professor adote uma atitude interdisciplinar, que ele seja interdisciplinar. A coerência entre o falar, o pensar e o agir é o pressuposto básico para uma prática interdisciplinar; a busca dessa coerência, na prática pedagógica do professor, deve constituir-se uma meta a ser exercitada cotidianamente. Essa coerência entre o que se proclama e o que se vive deve ser um processo permanente de busca, é uma caminhada para a vida toda. É um sonho a ser perseguido, é a utopia a ser buscada.

Quando o professor tem consciência de seu próprio inacabamento como pessoa, entra em um processo permanente de busca. Esse processo de busca é sempre esperançoso e “se define como a esperança que se vive” (FREIRE, 1979, p. 30). Ora, se a busca é esperançosa, se a esperança é alegre, não se pode falar de um processo de educar dissociado da esperança e da alegria. Nesse sentido a escola, a sala de aula e a prática pedagógica da cada professor devem ser espaços de alegria, manifestados:

- Na alegria cultural dos educandos, oriunda do prazer de conhecer, do estudar e do pesquisar, do relacionamento com professores e colegas.

- Na alegria de progredir, de se superar, de compreender melhor, de alcançar realizações cada vez mais difíceis, cada vez mais pessoais.
- Na alegria do esforço de conseguir os resultados almejados, de chegar ao objetivo que se fixou.
- Na alegria da expectativa, de imaginar o que vai ser a nova etapa, lançar-se em alguma coisa que se presente como importante, em um novo projeto.
- Na alegria de se empenhar para que muitos compreendam o que eu já compreendi.

O professor, portanto, precisa viver a alegria para fazer com que seu aluno participe dessa alegria porque ela é aspiração a unir, a comunicar, a partilhar, a desfrutar em comum.

As idéias ora apresentadas são frutos do exercício cotidiano de reflexão sobre nossa própria prática docente, associadas aos elementos teóricos que fomos introjetando ao longo de nossa trajetória profissional. Não tivemos a pretensão de produzir um ensaio de cunho científico, mas de provocar discussão em torno de atitudes docentes por nós consideradas essenciais ao exercício do magistério. Ao socializar essas idéias, procuramos abrir um espaço à interlocução com nossos pares, alunos e formadores de professores, a fim de que novas formas de agir possam contribuir para a aprendizagem significativa do aluno.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; MELLO, Roseli Rodrigues (Org.). *Educação: pesquisas e práticas*. Campinas: Papyrus, 2000.

FAZENDA, Ivani (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SAÍ, Cleucio; FOGAÇA, Azueta. *Nova relação entre competitividade e educação*. São Paulo: IEDI, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. Profissão professor ou adeus professor, adeus professora? Notas sobre as exigências educacionais contemporâneas e as novas atitudes docentes. *Fragmentos de Cultura: Revista do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, Goiânia*, v. 7, n. 26, p. 45-70, set. 1972.